

Corpo, simbolismo e identidade na juventude: relações mediadas pelo consumo de álcool

Body, symbolism and identity: relations mediated by alcohol consumption

*Arthur Barretto de Almeida Costa¹
Geraldo Adriano Emery Pereira²*

RESUMO: O presente artigo é uma reflexão acerca da dimensão simbólica do consumo de bebida alcoólica por jovens, tendo como referência, sobretudo, a categorias de corpo próprio, de VAZ (1991), as reflexões do antropólogo francês LE BRETON (2007) e diversos estudos de ciências da saúde sobre o uso de bebida alcoólica na juventude. Desenvolvemos a perspectiva de que o consumo de álcool se apresenta naquele conceito que Breton chamou de “produção farmacológica de si”, ou seja, uma maneira de induzir o próprio corpo a atingir estados mentais desejados e promover uma capacidade expansiva de sociabilidade.

ABSTRACT: The present article is a reflection on the symbolic dimension of the consumption of alcoholic beverage by the youth, having as reference the concept of own body from VAZ (1991), the reflections of the French anthropologist LE BRETON (2007), and many studies from health sciences about the usage of alcoholic beverage during youth. We develop the vision that the alcohol consumption can be analyzed according to the concept that Breton called the “pharmacological production of self”, that is, a way to make our own body to accomplish desirable mental states, and promote an extended social capability.

PALAVRAS-CHAVE: Bebida alcoólica. Juventude. Corporalidade.

KEYWORDS: Alcoholic Beverage. Youth. Corporality.

I. INTRODUÇÃO

O consumo de álcool é um fato percebido em diversas sociedades ao

1 Graduando em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: arthurbarretto@oi.com.br

2 Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor do Colégio de Aplicação COLUNI-Universidade Federal de Viçosa. E-mail: geraldo.emery@ufv.br

longo de toda a história da humanidade. Porém, uma questão que quase nunca vem à tona é a de como a relação que o indivíduo mantém com o próprio corpo é modificada pelo álcool e como ela interfere nas formas de consumo da bebida. Além disso, com as mudanças acarretadas pelo advento da pós-modernidade, a maneira de ver a si mesmo como entidade biofísica é profundamente modificada, o que pode trazer consequências para a maneira de fazer uso da bebida alcoólica. É deste último problema que nos ocuparemos ao longo deste trabalho.

Utilizamos as ideias do antropólogo David Le Breton (2007) sobre a questão da retificação do corpo na pós-modernidade e, sobretudo, os estudos de Henrique Cláudio de Lima Vaz acerca das relações entre corpo e identidade. Também foi realizada, anteriormente, uma pesquisa envolvendo textos produzidos por estudantes do Colégio de Aplicação da UFV³, a qual permitiu que tomássemos maior contato com as concepções dos jovens acerca do consumo de bebida alcoólica.

Pudemos observar, a título de breves considerações finais, um tanto quanto restritas, dados a extensão do problema e o curto tempo disponível para enfrentá-lo, que a bebida alcoólica pode ser vista como uma forma de fuga provisória da realidade capaz de alterar a relação do indivíduo com o próprio corpo e, através dessa mudança, a maneira de se ver a si mesmo.

2. A CATEGORIA DE CORPO PRÓPRIO

Um autor que trabalha a questão do corpo pós-moderno é o antropólogo francês David Le Breton. Para ele, na obra *Adeus ao Corpo* (2007), uma das principais características do "novo" corpo que cabe analisar é a cisão entre a dimensão física e a "mental" do ser humano. Não somos mais definidos apenas em função do formato da nossa pele, nem de nossa estrutura óssea. Isso decorre da grande capacidade de as modernas ciências da vida de alterarem nossa aparência, mediante avançadíssimas técnicas de remodelamento do corpo, como cirurgias plásticas, ou até mesmo transplantes de rostos, capazes de restituir identidades mutiladas por tragédias nas quais a face é dilacerada. Ademais, o avanço das terapias genéticas acena para um futuro no qual as características dos bebês, seus corpos, serão escolhidos a dedo por pais zelosos, incapazes de legar a formação dos filhos aos acasos da fecundação. Nesse contexto, inscreve-se, também, a possibilidade futura das técnicas de clonagem, que criam um corpo novo inteiramente pela manipulação laboratorial. Dessa maneira, o corpo pós-moderno perde a rigidez da qual sempre foi portador e adquire uma plasticidade

³ Pudemos identificar que, dos textos sob análise produzidos pelos jovens, 76% mencionavam, de alguma maneira, temas relacionados ao consumo do álcool. Pesquisa realizada em 2012, como Bolsa de Iniciação Científica Júnior, financiada pelo CNPq.

muito grande; agora somos maleáveis, na medida em que a ciência vai se tornando capaz de nos modelar e remodelar constantemente aquilo que temos de mais íntimo – nosso próprio substrato biológico.

Assim, com o corpo separado daquilo que chamamos de si⁴, nosso suporte material, como assinala o autor francês, torna-se um alter ego, um “parceiro privilegiado” (LE BRETON, 2007, p. 52). Nossa sociedade se assemelha cada vez mais a um arquipélago com milhões de ilhas que estabelecem parca comunicação entre si; dessa forma, o corpo torna-se um companheiro em nossas atividades:

O indivíduo torna-se fonte principal de escolha e de valores que ele extrai mais da atmosfera da época do que da fidelidade ao peso das regularidades sociais; hoje ele é relativamente autônomo diante das inúmeras propostas da sociedade (...) o indivíduo busca, em sua esfera privada, o que não alcança mais na sociabilidade comum. Ao alcance da mão de certa forma, o indivíduo descobre, por meio de seu corpo, uma forma possível de transferência pessoal e de contato. (LE BRETON, 2007, p. 53)

Nas cidades contemporâneas, nas quais impera a distância e mesmo vizinhos de porta sequer se conhecem, o corpo torna-se uma forma de substituir a sociabilidade perdida. Assim, proliferam cada vez mais serviços visando a estimular o corpo, de modo que as pessoas, através desse parceiro constante e (ainda) inseparável, possam alcançar a transcendência de si tão almejada. Dessa forma, surgem casas de massagem, terapias corporais (LE BRETON, 2007) e as academias, espaço privilegiado de contato consigo mesmo sem contato efetivo com os outros. Nas academias, o corpo costuma ser endeusado, e estes estabelecimentos reúnem algumas pessoas que buscam, prioritariamente, remodelar o próprio corpo e ajustá-lo às suas preferências individuais.

Essa mudança de atitude para com o próprio corpo, evidentemente, tem repercussões sobre a forma como os indivíduos veem a si mesmos, afinal de contas, o corpo físico é o intermediário entre nós mesmos e o mundo que está à nossa volta. Na condição de animal symbolicum (CASSIRER, 1994), ou seja, ser que simboliza mais do que raciocina, o homem desenvolve formas de compreender o mundo através da significação, inclusive o próprio corpo. Cassirer (1994) radicaliza esta postura, chegando a afirmar que o homem, no lugar de lidar com as coisas, está

⁴ O autor francês chama a atenção para o fato de que o corpo, neste processo de retificação constante, acaba se tornando um duplo do homem, ou seja, uma entidade diferente de si mesmo. O “si” a que nos referimos é a subjetividade individual, o princípio consciente do homem, que, conjuntamente ao corpo, seu “outro eu” dão origem ao “ser no mundo” a que Le Breton se refere.

“constantemente conversando consigo mesmo”, ou seja, que a forma mais evidente de simbolização – a linguagem – chega a turvar completamente nossa visão de mundo.

Nesse sentido, mesmo o corpo se constituindo num campo no qual, através de diferentes formas de simbolização, se constrói e se reconstrói a própria identidade:

[...] corpo se mostrou um lugar originário de significações que aparecem integrando necessariamente o campo de expressão do eu, desde o campo de percepção mais simples até a proliferação dos sinais. Assim, o eidos do corpo deve ser afirmado como estruturalmente constitutivo da essência do eu (VAZ, 1991, p.164).

Assim, os diferentes modos de se relacionar com o próprio corpo estabelecem formas as mais diversas de construção da própria personalidade. Tanto o é que, como discutido por Marcel Mauss (2003), diferentes sociedades estabelecem diferentes técnicas do corpo, ou seja, modos transmitidos e chancelados socialmente de utilizar o próprio corpo para atingir determinados objetivos.

Tal situação é perfeitamente compreensível, uma vez que o corpo é o prisma através do qual filtramos e interpretamos o mundo. Merleau-Ponty afirma, a respeito dos objetos representados pelos pintores, que

Nunca as coisas estão uma por trás da outra. A superposição e a latência das coisas não entram na sua definição, apenas exprimem minha incompreensível solidariedade com uma delas, meu corpo, e, em tudo o que elas têm de positivo, são pensamentos que eu formo, e não atributos das coisas. (1997, p. 270)

Portanto, o corpo, a despeito de ser um objeto entre tantos outros, é também aquele que servirá de suporte para o sujeito, o veículo dos indivíduos que lhes permite permanecer no mundo, o estar-no-mundo a que se refere VAZ (1991).

3. A PRODUÇÃO FARMACOLÓGICA DE SI

A palavra grega *phármakon* designa uma substância que tem ação ambígua, atuando tanto como um remédio como um veneno, de modo que se encontra em permanente tensão entre a atuação benéfica ou maléfica. Os fármacos modernos, que podem ser mais comumente identificados nos medicamentos, mantêm essa forma de ação e, ao atuar sobre o corpo, podem produzir resultados tanto bons quanto ruins.

Dessa maneira, surge o conceito da produção farmacológica de si, que nos será de muita utilidade. O corpo, despido de sua atmosfera de

determinação divina, de fronteira máxima da capacidade humana, torna-se passível de ajustes como um todo, até no humor. Assim, é observável, nas modernas sociedades, um consumo exagerado de fármacos, na intenção de regular quaisquer alterações sentimentais que, porventura, sejam encaradas como indesejadas. O que ocorre com o avanço da psiquiatria é o desenvolvimento de uma visão de onipotência sobre si (LE BRETON, 2007); agora, até os sentimentos, estados emocionais que nos definiam na condição de individualidade, de únicos, apesar de pertencentes à mesma espécie, são objeto de alteração dos instrumentos da ciência.

Assim, o indivíduo, mediante remédios ou terapias medicinais, “cria um novo eu”, ainda que por tempo restrito, sente novas emoções de acordo com sua vontade, nos limites do efeito das terapias. O sujeito não está mais submetido às intempéries de seu si biológico, mas é capaz de se autotransformar mediante as determinações de sua vontade e com o auxílio da ciência.

O álcool tem efeitos análogos àqueles acima caracterizados para os medicamentos. De fato, a bebida tem a capacidade de, momentaneamente, alterar os estados psíquicos e permitir a experimentação de emoções que, usualmente, não seriam sentidas. Contudo, a bebida, da mesma maneira que um *phármakon* comum, pode alterar estes sentimentos de forma tanto positiva quanto negativa. Assim, o álcool tanto pode gerar a alegria tão procurada, por vezes, não encontrada, como também pode promover a adoção de um comportamento autodestrutivo e gerar ações degradantes, as quais provocam uma piora da situação do indivíduo. A bebida, dessa maneira, tal qual os *phármakon* gregos, tem o caráter ambivalente de algo capaz de, ao mesmo tempo, solucionar e criar problemas.

4. CORPO AUSENTE, CORPO PRESENTE

O corpo é parte integrante e indissolúvel da presença humana no mundo, contribuindo para a definição dos indivíduos como tais e como parte do gênero humano. Dessa maneira, corporalidade e identidade, na qualidade de partes fundamentais da natureza humana, se inter-relacionam. Assim,

Se o homem só existe por meio das formas corporais que o colocam no mundo, qualquer modificação de sua forma provoca outra definição de sua humanidade. Se as fronteiras do homem são traçadas pela forma que o compõem, tirar dele ou nele acrescentar outros componentes metamorfoseia a sua identidade pessoal e as referências que lhe dizem respeito diante dos outros. (LE BRETON, 2007, p. 233) (*grifos nossos*)

A bebida provoca uma alteração no comportamento dos indivíduos; de certa forma, muda a personalidade deles. Se corpo e a identidade, mesmo não estando no mesmo nível de análise e, portanto, não sendo intercambiáveis, mantêm íntimas ligações, uma alteração na identidade

provocará uma alteração no corpo (como, por exemplo, a adoção de tatuagens e outros tipos de body art para gerar uma identificação entre os membros de determinados grupos), assim como uma alteração no corpo altera a identidade (como, por exemplo, as alterações corporais mudando a identidade na adolescência) (LE BRETON, 2007)⁵.

Uma maneira bastante interessante de compreender este fenômeno é através da categoria de corpo próprio, ou seja, do corpo como entidade constitutiva do ser do homem, indissociável da identidade do mesmo. Essa questão é discutida de forma bastante elucidativa por Vaz (1991), ao afirmar que “como corpo próprio ou como totalidade intencional, o corpo pode ser assumido na autoexpressão do sujeito, e podemos falar de um Eu corporal, o que não é o caso para o corpo físico”. Assim, o corpo próprio, como categoria constituinte do todo que é o homem como tal, difere do corpo meramente biológico na medida em que este apenas concede respostas instintivas e automáticas para determinados estímulos, ao passo que o corpo próprio participa da constituição da intencionalidade do ser humano (CASSIRER, 1994).

Neste ponto, pode-se encontrar, ainda, uma outra forma de ação do álcool sobre a personalidade dos indivíduos: a bebida diminui o senso de autorrepressão, de modo que as pessoas, quando bebem, ficam sujeitas a tomar atitudes inesperadas e até inconvenientes e irresponsáveis. O álcool leva a agir por impulso e não por reflexão, de acordo com as próprias vontades, e não com as convenções sociais. Ora, esse modo de agir menos regrado é característico, justamente, da dimensão biológica do ser humano, pois o álcool, de certa forma, altera a relação com a categoria do corpo próprio, aproximando-o do corpo biológico, da impulsividade.

Cassirer afirma (1994), ecoando o biólogo Uexküll, que o homem detém um sistema receptor que interage com o mundo que o cerca, e um efetivador, que efetiva a atuação do ser humano sobre o mundo. O filósofo alemão, contudo, acrescenta um “sistema simbólico”, o qual, distinguindo os homens dos animais, reinterpreta os estímulos sensíveis, ressignificando-os e permitindo que se tornem objeto de pensamento. Nesse sentido, como afirmado acima, pode-se considerar, em um certo sentido, que o álcool promove uma mudança na relação com o corpo, ou leva as pessoas a ficar fora do próprio corpo. Isto decorre do fato de a bebida alterar a maneira como o aparelho receptor atua, alterando a forma através da qual o aparato simbólico age.

Pode-se afirmar que o corpo próprio pode ser alterado, pois, como afirma VAZ (1991), “o Homem é também seu corpo próprio, mas

⁵ Reconhecemos que a alteração no corpo mudará a identidade mais facilmente do que a criação de meios de identificação sociais diferentes alterará o corpo. Contudo, é inegável que, a despeito de mais rarefeito, esse processo exista.

não o é pura e simplesmente por identidade, mas tem seu corpo próprio, sendo capaz de lhe dar uma intencionalidade”. O álcool, ao alterar a determinação desta intencionalidade, altera o próprio corpo próprio, o qual, além de fazer parte do homem, é propriedade deste.

Como afirma Le Breton, “pensar o copo é uma outra maneira de pensar o mundo e o vínculo social; qualquer confusão introduzida na configuração do corpo é uma confusão introduzida na coerência do mundo.” (LE BRETON, 2007, p. 233). Beber é, de certa forma, deixar o corpo criar uma outra consciência, diferente do eu cotidiano, que exerce um controle quase que absoluto sobre as atitudes das pessoas que estão sob o efeito do álcool⁶. Esse processo de recriação de si chega ao máximo quando o indivíduo não se lembra mais do que ocorreu no dia em que bebeu, quando não tem mais poder de controlar, de forma eficaz, as próprias ações.

Com a mudança da consciência, o vínculo social ao qual se refere o antropólogo francês não chega a ser quebrado, mas se flexibiliza a ponto de mudar a relação que o sujeito mantém com o próprio corpo. O indivíduo não mais controla o corpo, não domina mais seu substrato físico, nem o psíquico. É um efetivo retirar-se de si.

Le Breton pensa também que “esse último (o corpo) é um analista essencial de nossas sociedades contemporâneas pela fragmentação do sujeito, ao mesmo tempo cada vez mais isolado e cada vez mais conectado” (LE BRETON, 2007, p. 225). A bebida é uma forma de esconder a si mesmo, relegar o seu si tímido e indesejado a um plano secundário e libertar uma nova personalidade extrovertida, capaz de coisas das quais não seria anteriormente. Mediante essa libertação, ocorre a inversão do processo descrito pelo antropólogo francês: o novo sujeito desprende-se de seu ser fragmentado, preocupado com dezenas de compromissos e responsabilidades ordinárias e se entrega ao agir por si mesmo, apenas. O isolamento é rompido pelo esfacelamento da estrutura orgânica das relações sociais da coletividade.

Como o corpo é o “último local de soberania pessoal” e “é um fator de individuação” (idem, p. 225), a quebra do poder sobre si e a reversão do projeto individualista da sociedade levam à redução do caráter do corpo na condição de diferenciador dos indivíduos. Isso promove o aumento da socialização, o que encontra eco na definição do álcool como “lubrificante social”, algo presente na literatura científica sobre o tema (NEVES, 2004, p. 9)

A bebida, assim, altera a configuração social devido a uma mudança que promove no espaço-tempo humano. Segundo Vaz (1991),

⁶ Evidentemente que esse “novo eu” entrará em simbiose com o si anterior, gerando uma mistura em diferentes graus, conforme seja maior ou menor o grau de alcoolização do indivíduo.

“pela presença intencional, começa-se a se estruturar o espaço-tempo propriamente humano, que tem no corpo próprio como corpo vivido o polo imediato de sua estruturação para-o-sujeito”. Ora, como já citado, a bebida altera o corpo próprio, o que significa que ela também promove alterações no espaço-tempo subjetivo dos bebedores, mas também no da comunidade de consumidores do álcool. A intencionalidade alterada das personalidades utilizadas constrói um espaço diferenciado de convívio, “permite que a conversa flua em uma roda de amigos da qual se desconhece o assunto”, integrando o indivíduo e gerando “a construção de uma identidade de papeis, de um ser que somente existe na perfeita interação com os grupos sociais” (ARAÚJO, 2007, p. 50).

5. A DIMENSÃO SIMBÓLICA DO ALCOÓL ENTRE JOVENS

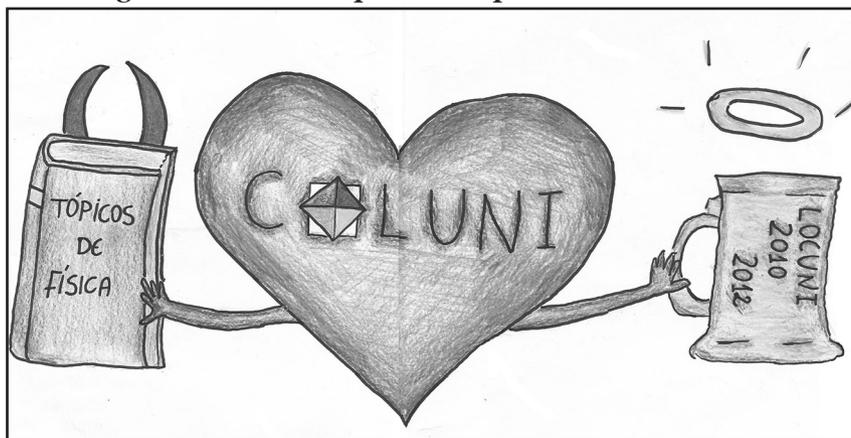
Tal situação, como não poderia deixar de ser, encontra ecos nos jovens, menores de idade, e é um dos fatores que determinam as formas socialmente aceitas e estimuladas para o uso da bebida alcoólica. Assim, ao longo da análise de textos produzidos por alguns estudantes do ensino médio⁷, é possível notar que a bebida é vista quase que como um remédio para a alma, para o órgão do humor ao qual se refere Le Breton. Muitos estudantes, quando inquiridos acerca dos motivos que os levariam a beber, respondem que tentam relaxar, desestressar-se, esquecer as notas ruins ou as responsabilidades que se acumularam durante a semana.

A bebida, nesse sentido, promove uma fuga da realidade mediante intervenções sobre a própria personalidade, de uma forma diferente de encarar a vida após ter seus sentimentos e sua visão alterados quando sob o efeito do álcool. O etanol, então, promove a criação de uma janela temporal, na qual as pessoas podem assumir uma nova identidade pela utilização de uma bebida “farmacologizada”, ou seja, transformada em remédio para os dissabores da existência. Dessa forma, “A gestão farmacológica dos problemas comuns (...) manifesta uma intolerância às asperezas da existência, e inscreve-se no extremo contemporâneo” (LE BRETON, 2007, p. 57). O consumo de álcool na juventude não é, exatamente, uma materialização de uma intolerância absoluta com relação aos problemas e infelicidades cotidianos, pelo menos não da mesma forma como seria no caso dos usuários abusivos de medicamentos controlados, dadas as evidentes diferenças entre um remédio de fato, com o apelo que a autoridade médica a ele oferece, e um copo de bebida alcoólica. Contudo, a questão do consumo do etanol poderia ser encarada como uma manifestação da

7 Em outra pesquisa (COSTA e RODRIGUES. Gênero e Discurso: Representações sociais sobre a bebida alcoólica em textos produzidos por alunos do CAP-COLUNI-UFV: Relatório de Pesquisa, Viçosa, 2013. Não Publicado), utilizamos textos, como desenhos e poemas, produzidos por alunos do CAP-COLUNI/UFV para investigar a dimensão simbólica da bebida no discurso destes estudantes.

necessidade de recorrer a uma ajuda interna para se libertar das amarras do dia a dia monótono e insípido? Essa possibilidade, por exemplo, aparece em um dos textos produzidos pelos estudantes do Ensino Médio, em que se manifesta, de forma bem clara, o papel do álcool como meio para a fuga das responsabilidades diárias (Figura 1).

Figura 1 - Desenho produzido por alunos do COLUNI



A bebida é uma forma mais fácil de conseguir se distrair e se esquecer dos problemas, mas apenas por um tempo, ao contrário dos medicamentos analisados por Le Breton. Dessa maneira, o álcool não é um fármaco no sentido estrito no termo, mas pode ser usado como um instrumento químico de fuga provisória da realidade, estabelecendo um espaço de sociabilidade facilitada, dentro do qual, novas relações podem ser formuladas ou reforçadas (NEVES, 2003).

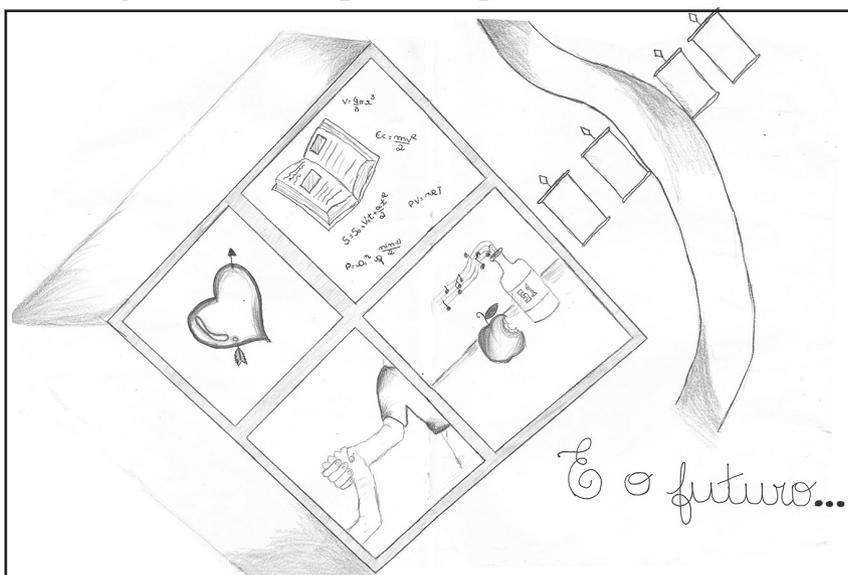
Esse remanejamento de si, com conseqüente alteração da personalidade, decorre da instabilidade inerente à sociedade moderna. Além disso, a própria adolescência se caracteriza como um período de dúvidas e incertezas, e é justamente essa fase de transição entre a infância e a vida adulta aquela em que se encontram os jovens, sobre os quais falamos. Dessa forma, os paradigmas que orientavam as ações na infância vão sendo progressivamente abandonados, ao passo que os sistemas de orientação que servirão de guia para a maturidade ainda estão sendo lentamente gestados. Com efeito, os adolescentes estão em uma terra de ninguém, na qual não há um paradigma unívoco. Assim,

Movido por uma curiosidade que lhe é peculiar e acreditando estar magicamente protegido contra todos os perigos, o adolescente nega valores, busca modelos, testa limites e muitas vezes, transgride a lei e desafia a morte, colocando-se em

situações de grande risco. (CALAÇA, 2006, PP. 20-1)

Nesse contexto, a bebida afigura-se como um elemento simbólico capaz de orientar essa travessia rumo à vida adulta, já que ela é um produto socialmente associado de maneira bem forte à jovialidade, como bem atestam as propagandas de marcas de cerveja (VENDRAME et al., 2009). Ademais, em situações de cobrança e de estresse, os jovens podem acabar utilizando o álcool para extravasar as pressões do cotidiano. Assim, jovens que trabalham costumam consumir mais bebida alcoólica do que aqueles que não exercem nenhum tipo de atividade remunerada (SOUZA, 2005); além disso, moradias universitárias, em que os indivíduos estão pela primeira vez fora de casa, convivendo com desconhecidos, também apresentam altos índices de consumo de bebida alcoólica (ZALAF e FONSECA, 2009). Dessa maneira, os jovens produzem “farmacologicamente” uma personalidade mais sociável e descontraída, de forma a fugirem do cotidiano opressor e poderem se socializar mais eficazmente. Isso é perceptível no seguinte texto elaborado por alunos do Colégio de Aplicação da UFV (Figura 2).

Figura 2 - Desenho produzido por alunos do COLUNI



A bebida, representada na parte direita do retângulo, é apresentada como elemento natural da vida dos estudantes, ao lado de outros signos, mas todos se associam a dúvidas relacionadas aos tempos vindouros em um novo contexto universitário - a frase “E o futuro...”.

Dessa maneira, o uso de medicamentos que agem alterando a

maneira de enxergar o mundo e os mecanismos através dos quais se relaciona com ele torna-se, à semelhança da bebida, algo corriqueiro. Assim, há uma progressiva naturalização das “técnicas de gestão do humor e do uso de si”. Os estados emocionais passam por uma tentativa de administração no sentido de controlar a própria personalidade, procurando aproximá-la de um ideal.

Contudo, em que medida a bebida alcoólica se diferencia dos remédios *stricto sensu*? Em primeiro lugar, chama a atenção o fato de a bebida ter um efeito mais imediato e, principalmente mais forte. A bebida torna seus consumidores muito mais desinibidos e alegres do que qualquer outra forma de fármaco. Dessa forma, a bebida promove uma alteração no órgão do humor mais eficaz, porém, também potencialmente mais danosa.

Assim, o consumo culturalmente tolerado e aceito como passível de aprovação é aquele que ocorre em meio à coletividade, ou seja, com o consumidor sujeito à vigilância de toda a comunidade. Quem bebe longe dos olhares inquisidores de seus pares, ingerindo o etanol sozinho, é tachado de viciado, enquadrado como doente da categoria de alcoólatra (NEVES, 2004; GARCIA, 2004). Além disso, há um tempo específico para o uso da bebida – o fim de semana – e um espaço – os bares, festas e outros lugares -, e eventos especiais – as festas – que unem um ponto tanto no tempo quanto no espaço no qual todos estão autorizados a consumir o álcool.

O uso dos fármacos está, como qualquer tipo de comportamento, submetido também a um rigoroso sistema de controle, mas este é menos parco que a bebida, principalmente pelo fato de os remédios, muito em função de terem ação em longo prazo, não serem um fator de sociabilidade.

Mas se os remédios não se submetem ao controle da coletividade tão facilmente, eles estão fortemente enredados pelos sistemas de coerção da medicina e do discurso científico. Embora os médicos e outros profissionais da saúde se esforcem para mostrar os efeitos adversos que, muitas vezes, advêm do álcool⁸, o discurso sobre o etanol permanece cooptado pela esfera do social, sendo os fatores de ordem cultural aqueles que prevalecem na construção dos meios de ordenação da ingestão da bebida.

A bebida, então, é percebida como pertencente à esfera do fugaz, como um meio rápido de se livrar velozmente por um curto espaço de tempo dos problemas que se afiguram diante do indivíduo. Diante dos dissabores da vida, as pessoas “entregam-se a uma solução de urgência” (LE BRETON, 2007, p. 62), ou seja, utilizam o álcool para uma solução imediata de problemas, os quais, muitas vezes, são mais permanentes. Ela é encarada como instrumento para o alcance de um

8 Um exemplo dessas tentativas é o aviso “Beba com moderação” das propagandas de qualquer produto que contenha etanol.

estado diferenciado, o da etilização, o estar bêbado⁹.

Dessa maneira, a bebida aparece como apêndice do humor, como oportunamente ressaltado por Le Breton, ao afirmar: “Ajuste técnico da relação com o mundo no sentido de uma eficácia desejada, mais do que busca de um outro modo de vida em harmonia com as capacidades pessoais, o psicotrópico instaura-se como prótese do sentido” (2007, p. 63). Transpondo esse fragmento para o contexto do discurso sobre o álcool propagado entre os jovens, podemos perceber que o etanol se configura como um elemento acessório umbilicalmente ligado ao comportamento e à rotina dos que estão inseridos no contexto sociocultural que pratica o uso da bebida. Dessa maneira, muitos (mas, obviamente, não todos) definem uma periodicidade mais ou menos fixa, tornando a presença do etanol parte de suas rotinas¹⁰. Assim, a bebida torna-se extensão naturalizada do humor das pessoas, passa a ser um recurso recorrentemente utilizado para intermediar a relação que cada um de seus consumidores mantém com o mundo.

Além disso, ao afirmar que o uso do psicotrópico é um “ajuste técnico”, podemos ver que, sem ela, o humor se tornaria anormal, fugiria do padrão desejado pelo sujeito, de maior euforia e de promoção acentuada da sociabilidade. É necessário para um certo grupo de consumidores de álcool alterar seu modo de encarar o mundo de estressados, tensos ou sobrecarregados para relaxados ou felizes. A bebida, para além de importante, torna-se necessária. Além disso, uma das maneiras privilegiadas de se promover o relaxamento é através do contato social, que passa a estabelecer uma relação íntima e quase indissociável com o consumo da bebida alcoólica.

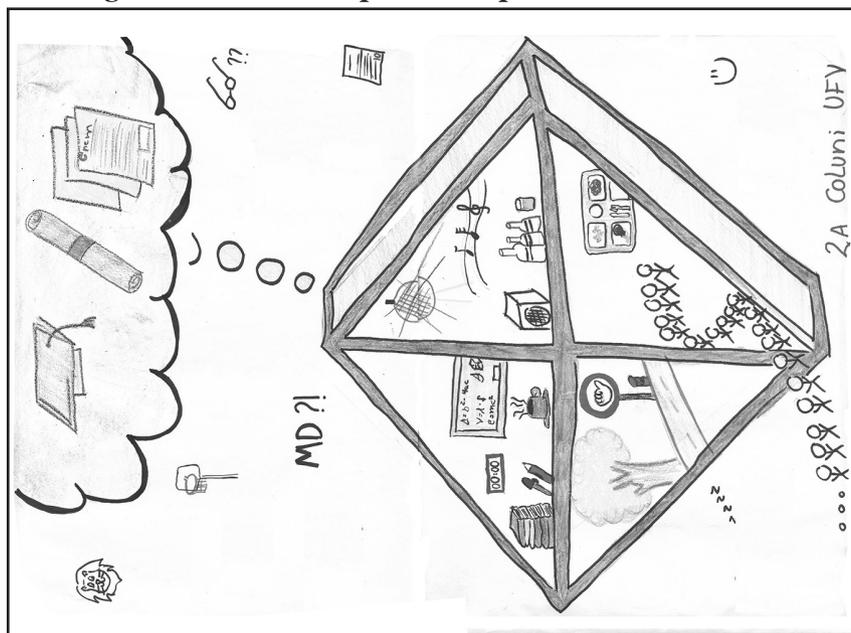
Dessa forma, Le Breton afirma que, nas sociedades contemporâneas, há “uma fabricação psicofarmacológica de si, modelação química dos comportamentos e da afetividade que manifestam uma dúvida fundamental com relação ao corpo, que convém manter à nossa mercê da molécula adequada” (2007, p. 65). No caso, essa molécula se chama etanol. Revela-se, portanto, que o homem contemporâneo procura administrar a própria personalidade, dada a insatisfação que ela lhe provoca, apresentando um profundo descrédito com relação ao seu corpo, à sua dimensão física. Por outro lado, crê profundamente na ciência – atributo eminentemente huma-

9 É evidente que nem todos pensam assim, prova disso é o chamado “beber socialmente”, sem a intenção da alcoolização, mas há pessoas que bebem objetivando a alcoolização.

10 Diversas pesquisas da área de saúde pública dão conta desse fato. Assim, segundo Vieira et al. (2007), por volta de 35% dos adolescentes entre 13 e 15 anos fazem uso pelo menos mensal de bebida alcoólica, número que ultrapassa a barreira dos 50% para aqueles com 16-17 anos. Horta et al. (2007) apresentam valores de 34% para 15 anos, 40% para 16, e 52% para 17. Já para Moreira et al. (XXXX), o valor foi de 54% para a faixa localizada entre os 14 e os 19 anos. Portanto, percebe-se que o consumo frequente de álcool por adolescentes menores de idade é um fato não só evidente, como cientificamente (bem) documentado.

no – na qualidade de fator capaz de lhe conferir poder sobre si mesmo. Nessa tendência, inscreve-se a cultura da bebida: os jovens, frequentemente, revelam que consideram a bebida de fundamental importância para promover a socialização e proporcionar determinados tipos de estado de espírito. Ela os capacita sentir o que querem sentir, conversar com quem desejam manter contado, a despeito das limitações da timidez e necessidade de aceitação presentes no ser humano, mas particularmente evidentes na adolescência, mesmo que por um breve espaço de tempo. Assim, como acima lembrado, a bebida torna-se elemento indissociável da sociabilidade rotineira dos jovens. Isso é mostrado no seguinte texto, em que a bebida é posta lado a lado com outras cenas da vida estudantil como elemento indispensável da sociabilidade jovem(Figura 3).

Figura 3¹¹ - Desenho produzido por alunos do COLUNI



Assim, a produção farmacológica de si nos leva a “não sermos mais nós mesmos para sermos finalmente nós mesmos; retificarmos-nos à maneira de um esboço que, por fim, chega ao texto final.”

11 Na presente imagem, apagamos os nomes dos componentes do grupo de alunos que elaborou o desenho. Eles se encontravam escritos cada um ao lado de uma das imagens externas ao retângulo e ao balão.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos percorrer, ao longo das poucas páginas, acima, os itinerários pelos quais a bebida alcoólica conduz o corpo dos indivíduos na contemporaneidade, especialmente no caso dos jovens. Pudemos notar, também, como a bebida, ao “suprimir” simbolicamente o corpo, gera uma alteração da identidade, promovendo a aproximação dos indivíduos à conformidade com um modelo ideal de extroversão e sociabilidade. Além disso, o etanol atua, dentro de determinados e limitados contextos, como um arremedo de remédio, capaz de promover alterações psicofisiológicas na mente das pessoas, promovendo estados emocionais desejados.

Le Breton afirma que “os limites de seu universo (do homem) são os fornecidos pelos sistemas simbólicos dos quais é tributário. Como a língua, o corpo é uma medida do mundo” (2003, p.190). É sob o prisma de nosso corpo biológico que sentimos e interpretamos o mundo. É através de nossa condição corporal que somos capazes de estabelecer relações com outras pessoas, constituir sistemas sociais e transmitir nossos sentimentos, ideias e impressões ao mundo. Não há uma supressão de facto do corpo, mesmo com a administração provisória e precária de uma personalidade e, então, de uma identidade. Nossa materialidade biológica, de fato, é, momentânea e simbolicamente, suspensa, servindo de substrato a uma consciência alterada que dela se apodera quando estamos sob o efeito do álcool, produzindo novos comportamentos e gerando novas sensações.

Como afirma Roy Wagner (2010, p.77), “o significado é uma função das maneiras pelas quais criamos e experienciamos contextos”, entendendo, aqui, contextos como encadeamento de significantes, que, “quando isolados e vistos como coisas em si mesmos, esses elementos aparentam ser meros ruídos”. Portanto, a experiência simbólica constrói-se de maneira completa e totalizante. No caso do álcool, especialmente entre jovens, pudemos notar, pelas breves considerações acima feitas, que há um conjunto de simbolizações que tornam o etanol um produto potencialmente desejável. Isso parece se expressar pelo uso frequente atestado por pesquisas médicas, além daquilo que se aproxima de uma utilização voltada para a alteração de estados de humor, gerando uma personalidade mais sociável. Em suma, aquilo que Delma Neves (2003) chama de “lubrificante social”.

Dessa maneira, a bebida apresenta-se, simbolicamente, aos adolescentes, com uma valência precipuamente positiva, e, dentro do que já referimos, o consumidor de álcool, que adota os níveis máximos de alcoolização socialmente delimitados como não patológicos, será, provavelmente, aprovado na maioria dos círculos jovens. Assim, a bebida adentra o universo simbólico juvenil e passa a ser vista, em determinados meios, como um instrumento, fato esse potencializado por propagandas que associam o universo simbólico juvenil e a vitalidade ao campo semântico composto

pelo álcool e pelos contextos nos quais ele é consumido, principalmente festas e momentos de “happy hour”.

“A cada instante, o indivíduo interpreta seu meio por intermédio de seu corpo e age sobre ele de acordo com as orientações provenientes de sua educação ou de seus hábitos. A condição humana é corporal.” (LE BRETON, 2007, p. 190). A insatisfação com o meio é também um fator para promover alterações em nossos corpos. Estas alterações mudam a forma como vemos a realidade e, portanto, o jeito como encaramos e sentimos nosso ambiente, já que “a percepção é uma forma de apropriação simbólica do mundo, uma decifração que situa o homem numa posição de compreensão a seu respeito” (LE BRETON, 2007, p. 191). O etanol é uma forma mais expressiva, rápida e eficaz de promover essas alterações, ou pelo menos é vista assim em determinados círculos. Alterar o próprio formato biológico e as configurações fisiológicas a ele associadas tem sido cada vez mais fácil, de modo que o corpo não é mais tão rígido e determinado, mas apresenta, a alguns olhos, uma plasticidade maior.

Não olhamos para o mundo da mesma forma sempre, da mesma forma que, como nos lembra Heráclito, não nos banhamos duas vezes no mesmo rio. As experiências sensoriais estão imersas no devir por excelência, que é a História. Dessa maneira,

O mundo sensível é a tradução em termos sociais, culturais e pessoais de uma realidade que só é acessível por esse desvio de uma percepção sensorial e afetiva de homem inscrito em uma trama social (LE BRETON, 2007).

Ele se oferece como uma inesgotável virtualidade¹² de significações. Habitam o olhar do homem intenções, expectativas, emoções, sensibilidades. (LE BRETON, 2007, p. 191)

O corpo filtra o mundo. E através dessa materialidade biofísica podemos existir no tempo. Mudando-a, podemos, ainda que de maneira incompleta e por pouco tempo, alterar, a nosso bel-prazer, a realidade que nos rodeia. O álcool parece ser uma maneira encontrada por muitos jovens para ver o mundo exterior de uma forma diferente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Ivanira. *Alcoolismo como processo: da identidade desconstruída à (des)construção da pessoa*. Dissertação (mestrado em sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2007.
- CALAÇA, Flávia Antunes Caldeira e Silva. *Aspectos do Uso de Álcool entre*

12 Virtude vem do latim Virtus, que significa força. E é nesse sentido que aparece aqui a palavra virtualidade.

- Alunos Iniciando o Curso na UFMG*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde). Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: 2009.
- CASSIRER, Ernst. *Ensaio Sobre o Homem: Introdução a uma Filosofia da Cultura Humana*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- GARCIA, Ângela Maria. *E o Verbo (Re)fez o Homem*. Niterói: Intertexto, 2004.
- HORTA, Roberto Lessa; et al. Tabaco, Álcool e Outras Drogas Entre Adolescentes em Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil: Uma Perspectiva de Gênero. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 23(4):775-783, abr, 2007.
- LE BRETON, David. *Adeus ao Corpo*. Campinas: Papirus, 2007.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosacnaify, 2003.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. O olho e o espírito. In: DUARTE, Rodrigo (org.) *O Belo Autônomo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997, p. 257-286.
- MOREIRA, Taís C. et al. A violência comunitária e o abuso de álcool entre adolescentes: comparação entre sexos. *J. Pediatr.* (Rio J.), Porto Alegre, v. 84, n. 3, Junho 2008.
- NEVES, Delma Pessanha. Alcoolismo: Acusação ou diagnóstico? *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 20(1): 7-36, jan-fev, 2004.
- _____. O Consumo de Bebidas Alcoólicas: Prescrições Sociais. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, São Paulo, 55 (1): 73-98, 1º Semestre de 2003.
- SOUZA, Delma Oliveira; ARECO, Kelsy; SILVEIRA FILHO, Dartiu Xavier. Álcool e Alcoolismo Entre Adolescentes da Rede Estadual de Ensino de Cuiabá, MT. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, 2005, 39(4): 585-92.
- VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Antropologia Filosófica I*. São Paulo: Loyola, 1991.
- VENDRAME, Alan et al. Apreciação de Propagandas de Cerveja por Adolescentes - Relações com a Exposição Prévia às Mesmas e o Consumo de Álcool. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 25(2):359-365, fev, 2009.
- VIEIRA, Denise Leite; et al. Álcool e Adolescentes: Estudo Para Implementar Políticas Municipais. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, 41(3): 396-403, 2007.
- WAGNER, Roy. *A Invenção da Cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- ZALAF, Marília Rita; e FONSECA, Rosa Maria. Uso Problemático de Álcool e Outras Drogas em Moradia Estudantil: Conhecer para Enfrentar. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, 43(1): 132-8, 2009.

Recebido em: 23/07/2013

Aceito em: 21/08/2013